

Esse tempo de faculdade...

O sócio fundador da Macedo Vitorino, João de Macedo Vitorino, “viaja” no tempo e faz um retrato da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa nos anos 80. Na altura, como aluno e mais tarde como docente. Recorda as cadeiras difíceis, as orais intermináveis, mas também os amigos que ficaram para a vida.

Há 35 anos, o Mundo era outro, Portugal era outro, Lisboa era outra. Vivíamos numa asfixia das contas públicas como hoje, mas tudo o mais era diferente.

Quando lá entrei em 1983, a Faculdade de Direito de Lisboa (FDL) vivia ainda o rescaldo da revolução, uma espécie de vingança dos que tinham sido maltratados durante os loucos anos após o 25 de Abril. Ainda assisti a orais do Dr. Garcia Pereira, totalmente arbitrário no juízo que fazia dos alunos, mas já não era a Revolução que mandava ali. Já não havia armas em cima da mesa como se contava ter acontecido anos antes. Os velhos professores estavam de volta, pelo que o ensino passou a ter alguma consistência quando se tinha a sorte de ser aluno de pessoas como o Professor Ascensão ou a Senhora Professora Doutora Dona Isabel Magalhães Colaço (fazia questão de ser tratada assim, como muitos se lembram), a cuja última equipa de assistentes tive depois a sorte de pertencer. O azar batia à porta quando nos calhava um dos muitos monitores sem qualquer qualidade que nos davam nas aulas práticas. Lembro-me das orais a acabar à meia-noite depois de os assistentes nos fazerem esperar horas, do calor da sala 31, lá em cima no primeiro andar, onde fiz Finanças Públicas a 30 de Se-



tembro de 1984 com o então Dr. Guilherme Oliveira Martins lá para as nove da noite, que nunca olhou para mim durante todo o exame. Por que será que não esquecemos nenhuma das orais que fizemos? Muitas coisas melhoraram entretanto na FDL, mas a sensação de fazer uma oral não mudará, de certeza. Lembro-me das aulas e dos exames nos anfiteatros, das “catacumbas” onde tínhamos as aulas práticas com as suas paredes amareladas.

Durante o meu curso começaram as mudanças. A FDL começa a atribuir doutoramentos: o Prof. Jorge Miranda, Prof. Menezes Cordeiro o Prof. Miguel Teixeira de Sousa e depois já não pára. Abrem-se concursos para assistentes. Eu entro como assistente estagiário na grande vaga de 1989, faço o mestrado em 1991 e fico por lá até ao ano 2001, vendo como o dia-a-dia de uma faculdade ia mudando e como a vida dos alunos também se tornava mais fácil com o desafio dos anos 90.

Já depois vieram as obras que fazem da FDL um luxo que só quem não o teve apreciará devidamente. Porque no meu tempo de faculdade não havia nem era preciso parque... Nós alunos não tínhamos carro, usávamos o metro que nos deixava em Entrecampos e o resto era a pé ou íamos de autocarro. Quem não vivia na cidade como eu, tinha o prazer de viajar, no meu caso até ao Areeiro, nos confortáveis autocarros da Rodoviária, em que nos molhávamos quando chovia no Inverno e assávamos no calor do Verão. Em 1983, a maioria não tinha dinheiro no bolso. Íamos ao bar velho que hoje já não existe, mas nem sempre se podia tomar café. Os livros vendiam-se quase todos em fascículos da Associação de Estudantes e não os conseguíamos comprar todos de uma vez. Era o tempo também das fotocópias à venda à porta da faculdade. Era também o tempo em que os rapazes estavam em maioria nas salas de aula e no bar, tornando o futebol um tema importante como não o voltou a ser na FDL depois que, a partir de 1986, a raparigas

“A faculdade, ao contrário do que eu esperava, não era um sítio onde se juntavam os crânios de Portugal para pensar no Direito e noutras coisas. Afinal a faculdade não puxava as pessoas para cima. Antes pelo contrário, o estudo das matérias do curso parecia fazer com que as pessoas se desinternassem de qualquer outro tipo de conhecimento...”

“Em 1983, a maioria não tinha dinheiro no bolso. Íamos ao bar velho que hoje já não existe, mas nem sempre se podia tomar café. Os livros vendiam-se quase todos em fascículos da Associação de Estudantes e não os conseguíamos comprar todos de uma vez. Era o tempo também das fotocópias à venda à porta da faculdade”

passaram a entrar em maioria entre os alunos (e mais tarde as senhoras entre os docentes, magistrados e advogados). Todos os do meu curso nos lembramos das tardes desse ano no bar a dar conversa às caloiras. Eu em particular, pois anos depois acabei por casar com uma delas.

Uma das coisas que mais me surpreendeu no primeiro ano de faculdade foi a mistura de pessoas vindas de tantos sítios diferentes. Mas devo confessar que estranhei bastante o facto de a maioria não ter interesses para além dos normais para os jovens daquele tempo. A faculdade, ao contrário do que eu esperava, não era um sítio onde se juntavam os crânios de Portugal para pensar no Direito e noutras coisas. Afinal a faculdade não puxava as pessoas para cima. Antes pelo contrário, o estudo das matérias do curso parecia fazer com que as pessoas se desinternassem de qualquer outro tipo de conhecimento... E não era por falta de tempo livre. Era um modo de vida numa instituição que pouco se preocupava com o que não fosse a lição da matéria e o respectivo exame. E nós lá seguíamos o programa sem sequer saber o que nos esperava depois. Não havia “job shops”, ou qualquer iniciativa que pusesse os alunos em contacto com o mundo, de forma que, acabado o curso cada um se agarrava ao que parecesse seguro.

Agora, passados 30 anos sobre a licenciatura, o tempo de faculdade, não fossem algumas poucas amizades feitas então e a memória de muitos momentos de verdadeira fãrra, deixaria uma impressão cinzenta como as paredes da própria FDL, uma sensação de tempo a mais na mesma coisa (felizes os de Bolonha!). Valeu mais para mim o tempo de ensino, primeiro de Processo Civil e depois de Internacional Privado, que se seguiu e que também me ligou àquela casa, apesar de ter podido constatar por dentro a rigidez de um sistema que não queria e, creio, não quer mudar mas vai mudando, empurrado pelas circunstâncias.



João de Macedo Vitorino

Sócio fundador da Macedo Vitorino Associados. Licenciado pela Faculdade de Direito de Lisboa, onde fez também um mestrado em Direito Civil e uma pós-graduação em Direito Processual Civil.